





aspecto tão sossegado que a meu ver poderia influenciar benéficamente o temperamento desequilibrado de Turkey e o colérico de Nippers.

Deveria ter dito antes que portas de vidro esmerilhado dividiam o meu escritório em duas partes, uma das quais era ocupada pelos escrivães e a outra, por mim. Dependendo do meu humor, eu abria ou fechava essas portas. Decidi instalar Bartleby no canto perto das portas dobráveis, mas do meu lado, para ter fácil acesso a esse homem silencioso, caso fosse necessário fazer uma tarefa de menor importância. Coloquei a sua mesa perto de uma janela pequena nesta parte da sala, uma janela que originalmente tinha vista lateral para alguns quintais sombrios e montes de tijolos, mas que, por causa das construções subsequentes, já não oferecia qualquer vista, embora filtrasse alguma luz. Havia uma parede a um metro da janela, e a luz vinha de cima passando por dois prédios altos, como se fosse uma pequena abertura numa cúpula. De modo que a arrumação ficasse ainda mais satisfatória, coloquei um biombo verde para separar-me de Bartleby, mas que não o deixava fora do alcance da minha voz. Assim, até certo ponto, a privacidade e o convívio se combinavam.

No início Bartleby escrevia muito. Como se estivesse faminto por ter algo para copiar, parecia se empanturrar com os meus documentos. Não havia pausa para a digestão. Trabalhava dia e noite, copiando à luz natural e à luz de velas. Eu teria ficado empolgado com a sua dedicação, se ele trabalhasse com alegria. Mas escrevia em silêncio, com apatia, mecanicamente.

É claro que uma parte indispensável do trabalho de um escrivão é verificar se a sua cópia está correta, palavra por palavra. Quando há dois ou mais escrivães num escritório, eles se ajudam nessa verificação, um lendo a cópia e o outro, o original. É uma tarefa muito cansativa, monótona e desanimadora. Posso compreender que essa seria uma tarefa intolerável para pessoas mais vivazes. Por exemplo, não posso crer que o fogoso poeta Byron pudesse sentar-se alegremente com Bartleby para examinar um documento legal de umas quinhentas páginas escritas com letra minúscula.

De vez em quando, na pressa do trabalho, tinha se tornado um hábito meu ajudar a verificar alguns documentos, chamando Turkey ou Nippers para isso. Um dos meus objetivos ao colocar Bartleby tão perto

de mim, atrás do biombo, foi o de poder aproveitar os seus serviços em tais ocasiões. Acho que foi no terceiro dia em que estava comigo, antes que houvesse necessidade de ter o seu trabalho verificado, e estando eu com muita pressa para terminar um pequeno negócio sob meu encargo, que chamei Bartleby abruptamente. Na pressa e expectativa natural de uma resposta imediata, sentei-me com a cabeça inclinada sobre o original na minha mesa, a minha mão direita de lado, e, um pouco nervoso, estendi a cópia para que Bartleby pudesse pegá-la e começasse a trabalhar sem demora, assim que saísse do seu retiro.

Estava sentado nessa posição quando o chamei, dizendo depressa o que eu queria que fizesse, isto é, conferir um pequeno documento. Imagine a minha surpresa, ou melhor, a minha consternação, quando, sem sair do seu retiro, Bartleby respondeu com uma voz singularmente amena e firme, “Acho melhor não”.

Fiquei sentado por algum tempo em silêncio, atônito, procurando me recompor. Então achei que os meus ouvidos tinham me enganado, ou que Bartleby não havia entendido as minhas palavras. Repeti o pedido com a maior clareza que consegui. Mas a resposta anterior veio ainda mais clara, “Acho melhor não”.

“Melhor não”, repeti como um eco, levantando-me nervoso e atravessando a sala a grandes passos. “O que quer dizer? Ensandeceu? Quero que me ajude a conferir esta página aqui, pegue-a!”, e atirei-lhe o documento.

“Acho melhor não”, disse ele.

Olhei-o com firmeza. O seu rosto estava controlado, os seus olhos cinza obscuramente calmos. Não havia sequer uma ruga de preocupação perturbando-o. Se houvesse alguma inquietude, raiva, impaciência ou impertinência nos seus modos, em outras palavras, se houvesse algo de humano em Bartleby, sem dúvida, eu o teria demitido bruscamente do meu escritório. Mas sob tais circunstâncias eu teria antes pensado em jogar fora o meu pálido busto em gesso de Cícero. Fiquei olhando-o, enquanto ele continuava a escrever, e voltei a sentar-me à mesa. É muito estranho, pensei. O que fazer? Mas o trabalho urgia. Decidi esquecer o assunto por um tempo, deixando-o para o futuro, para quando tivesse tempo. Chamei Nippers na outra sala e o documento foi rapidamente conferido.







Alguns dias mais tarde, Bartleby terminou quatro documentos longos, quatro cópias de depoimentos prestados diante de mim, durante uma semana, na Suprema Corte. Era necessário conferi-los. Era uma tarefa importante, que exigia precisão. Depois de arrumar tudo, chamei Turkey, Nippers e Ginger Nut da sala ao lado, pensando em dar as quatro cópias aos meus quatro funcionários, enquanto eu lia o original. Assim, Turkey, Nippers e Ginger Nut sentaram-se em fila, todos com o seu documento na mão, quando então chamei Bartleby para se juntar a esse curioso grupo.

“Bartleby, depressa! Estou esperando.”

Ouvi um lento arrastar da cadeira no chão sem tapete, e logo ele apareceu, parando na entrada do seu eremitério.

“O que deseja?”, perguntou, dócil.

“As cópias, as cópias! Nós vamos conferi-las. Tome aqui!”, eu disse apressado, estendendo-lhe a quarta cópia.

“Acho melhor não”, ele disse, desaparecendo silenciosamente atrás do biombo.

Por um instante, fiquei como uma estátua de sal à frente da fileira de funcionários sentados. Recompondo-me, dei uns passos na direção do biombo e exigi uma explicação para comportamento tão estranho.

“Por que se recusa?”

“Acho melhor não.”

Com qualquer outro homem, eu teria tido imediatamente um acesso de raiva e o teria expulsado, desprezando quaisquer explicações. Mas havia algo em Bartleby que não apenas me desarmou, como também me comoveu e desconcertou, de maneira assombrosa. Pus-me a raciocinar com ele.

“Estas são as suas próprias cópias que vamos conferir. Vai lhe poupar trabalho, porque basta uma averiguação para os seus quatro documentos. Isso é de praxe. Todo copista tem a obrigação de conferir a sua cópia. Não é? Não vai falar nada? Responda!”

“Acho melhor não”, respondeu num tom agudo.

Parecia que, enquanto eu falava com ele, Bartleby analisava com cuidado cada palavra que eu proferia, compreendia o que eu queria dizer, não conseguia se opor à conclusão irresistível, mas, ao mesmo tempo, uma razão superior o levava a responder daquela forma.

“Então, está decidido a não atender o meu pedido – um pedido feito segundo o costume e o bom senso?”

Ele me deu a entender laconicamente que o meu raciocínio era razoável. Mas que a sua decisão era irreversível.

Não é raro que um homem, a quem se intimida de um modo sem precedentes, completamente insólito e irracional, comece a duvidar das suas crenças mais banais. Por mais estranho que isso possa parecer, ele começa a desconfiar que a justiça e a razão estejam do outro lado. Assim, se há pessoas imparciais presentes, recorre-se a elas, em busca de ajuda por causa de suas ideias titubeantes.

“Turkey”, eu disse, “o que você acha disso? Não estou certo?”

“Com todo o respeito, senhor”, disse Turkey, com um tom muito afável, “creio que sim”.

“Nippers”, eu disse, “o que **você** acha?”

“Acho que deveria expulsá-lo do escritório a chutes.”

(O leitor perspicaz há de perceber que, sendo de manhã, a resposta de Turkey foi expressa com termos educados e tranquilos, mas que a resposta de Nippers foi mal-humorada. Ou, em outras palavras, o mau humor de Nippers estava em serviço e o de Turkey, de folga.)

“Ginger Nut”, eu disse, disposto a angariar o mínimo apoio a meu favor, “o que **você** pensa disso?”

“Penso que ele é meio doido”, respondeu Ginger Nut, sorrindo.

“Ouvii o que eles disseram”, eu disse, virando-me para o biombo, “venha cá e cumpra com o seu dever”.

Mas ele não se dignou a responder. Fiquei pensando por uns instantes, numa perplexidade dolorosa. Mas outra vez o trabalho urgia. Outra vez decidi adiar a reflexão sobre o dilema para quando tivesse tempo. Com um pouco de dificuldade, conseguimos conferir os documentos sem Bartleby, embora, a cada uma ou duas páginas, Turkey opinasse que tal comportamento era incomum, enquanto Nippers se contorcia na cadeira com um nervosismo dispéptico, rangendo os dentes e de vez em quando soltando uma blasfêmia contra o imbecil teimoso atrás do biombo. Quanto a ele (Nippers), esta era a primeira e a última vez que faria o trabalho de outro sem ser pago.

Enquanto isso, Bartleby permanecia sentado no eremitério, indiferente a tudo que não fosse o seu próprio trabalho.







Passaram-se uns dias e o escrivão estava ocupado com novo trabalho extenso. A sua extraordinária conduta anterior levou-me a observá-lo com atenção. Reparei que nunca saía para almoçar; na verdade, nunca saía para lugar algum. Nunca saía do meu escritório, que eu soubesse. Era uma sentinela perpétua no canto. Mas, lá pelas onze horas da manhã, eu via que Ginger Nut avançava para a abertura do biombo de Bartleby, como se tivesse sido silenciosamente chamado por um gesto que eu não conseguia ver do lugar onde estava sentado. O rapaz saía do escritório, com moedas de centavos tinindo, e voltava com um punhado de pães de mel que entregava no eremitério, recebendo dois deles por seu trabalho.

Alimenta-se de pão de mel, pensei; nunca faz uma refeição propriamente dita; deve ser vegetariano, então; mas, não, nunca come legumes, apenas pão de mel. Fiquei pensando sobre os efeitos prováveis no organismo humano de uma alimentação à base de pão de mel. Esse pão de mel é basicamente feito de gengibre, que lhe dá o sabor final. Ora, o que é o gengibre? Algo picante e condimentado. Seria Bartleby picante e condimentado? De modo algum. O gengibre, portanto, não tinha efeito sobre Bartleby. Provavelmente ele achava melhor que não tivesse.

Nada irrita mais uma pessoa honesta do que a resistência passiva. Se o indivíduo ao qual se resiste não for desumano, e o que resiste, inofensivo, então o primeiro, com a maior boa vontade, vai se empenhar para que a sua imaginação construa com caridade aquilo que foi impossível resolver com a razão. Mesmo assim, continuei observando Bartleby e os seus modos. Coitado!, eu pensava. Não tem a intenção de fazer o mal; é claro que não quer ser insolente; a sua aparência é prova suficiente de que as suas excentricidades são involuntárias. Ele me é útil. Consigo me relacionar com o rapaz. Se mandá-lo embora, é possível que arrume um patrão menos indulgente e será tratado com descortesia, talvez seja inclusive compelido a morrer de fome na miséria. Isso mesmo. Posso conseguir aqui, por bem pouco, uma sensação agradável de indulgência. Ajudar Bartleby. Não me custa nada, ou quase nada, ser indulgente com a sua teimosia esquisita e, ao mesmo tempo, guardar no fundo da alma algo que possivelmente servirá de consolo à minha consciência. Mas essa minha disposição variava. Às vezes a passividade de Bartleby me irritava. Sentia um desejo estranho de que

me confrontasse, trazendo à tona uma faísca de raiva que correspondesse à minha. Mas era o mesmo que tentar atear fogo esfregando os nós dos dedos num pedaço de sabonete Windsor. Certa tarde, porém, o impulso maligno me dominou e a seguinte cena ocorreu:

“Bartleby”, eu disse, “quando todos aqueles documentos forem copiados, vou conferi-los com você”.

“Acho melhor não.”

“Como assim? Claro que não vai continuar com esse capricho obstinado!”

Nenhuma resposta.

Abri as portas dobráveis que estavam próximas, virei-me para Turkey e Nippers e exclamei:

“Bartleby diz, pela segunda vez, que não vai conferir os seus documentos. O que pensa sobre isso, Turkey?”

Convém lembrar que era de tarde. Turkey estava sentado, corado como uma caldeira de cobre, a sua careca fumegava e as suas mãos sacudiam os papéis com borões.

“O que penso sobre isso?” rugiu Turkey, “penso que vou para trás do biombo e vou deixá-lo de olho roxo”.

Dizendo isto, Turkey levantou-se e colocou os braços na posição de um pugilista. Apressou-se em cumprir a promessa, mas eu o detive, assustado pela imprudência de ter despertado sua combatividade depois do almoço.

“Sente-se, Turkey”, eu disse, “escute o que Nippers tem a dizer. O que pensa disto, Nippers? Não seria justo despedir Bartleby imediatamente?”

“Desculpe-me, mas é o senhor quem precisa decidir. Considero a sua conduta pouco comum e até mesmo injusta com Turkey e comigo. Mas pode ser um capricho passageiro.”

“Ah!”, exclamei. “Então estranhamente mudou de ideia. Agora fala dele com tolerância.”

“É a cerveja!”, gritou Turkey. “A sua tolerância é o efeito da cerveja. Nippers e eu almoçamos juntos hoje. Observe como **eu** sou tolerante, senhor. Devo dar-lhe um soco?”

“Suponho que se refere a Bartleby. Não, hoje não, Turkey”, respondi. “Por favor, abaixe esses punhos.”







## Bartleby, o escrivão fantasma

MODESTO CARONE

Num prólogo breve e substantivo à sua tradução de *Bartleby*, publicada em 1944, Jorge Luis Borges faz uma aproximação inesperada entre *Moby Dick* e esta novela tardia de Herman Melville. É bem verdade que o senso das proporções o leva a ponderar que o escritor norte-americano deve sua glória ao romance “infinito”, em que a narrativa sobre a baleia branca “se avoluma até alcançar o tamanho do cosmo”. Trata-se evidentemente de sugerir não a maldade do cosmo, mas sua vastidão. Nessa direção, é útil recordar que o texto de *Bartleby* tem no máximo quarenta páginas, ao passo que *Moby Dick* é uma obra gigantesca e extravagante, na medida mesmo do famoso *cachalote*, cuja denominação original – *white sperm whale* – conserva toda a potência do animal.

Quanto ao que esse épico do mar veicula como tema, o leitor, segundo Borges, pode supor que seja a vida aventureira e miserável dos arpoadores, a insanidade do capitão Ahab, raivosamente empenhado em levar a cabo a missão autoimposta de aniquilar a Baleia – tudo isso convergindo na perseguição “que fatiga os oceanos do planeta”. São ingredientes que, por si sós, compõem um símbolo do universo (ou do Mal, conforme o caso).

Numa linha paralela, D. H. Lawrence, no seu ensaio admirável sobre Melville – simultaneamente explosivo, poético e reflexivo, incluído nos *Estudos de literatura clássica americana* –, assinala que *Moby Dick* é sem dúvida um símbolo, mas logo pergunta *do quê*, para em seguida responder: “Duvido que o próprio Melville soubesse exatamente – e isso é o melhor de tudo”.<sup>1</sup>

Seja como for, o mestre latino-americano mergulha, com elegância e conhecimento de causa, na maré agitada da linguagem do romance, para informar que *Moby Dick* está redigido num exacerbado dialeto romântico do inglês e *Bartleby* num idioma tranquilo, cuja deliberada aplicação a uma matéria atroz parece prefigurar Kafka.

---

<sup>1</sup> D. H. Lawrence, *Studies in Classic American Literature*. Londres: Penguin, 1971.



Kafka?

É espantoso reconhecer que, na primeira metade do século xx, exatamente vinte anos após a morte do poeta antiépico de Praga, Borges tenha realizado a proeza de introduzir, na genealogia literária de Kafka, um autor por muito tempo obscuro da costa leste americana, de quem o tcheco da Boêmia, que escrevia em alemão, parecia por todos os títulos afastado. Neste passo, mesmo fugindo um pouco da raia, vale a pena trazer à tona uma passagem de *Redburn*, de 1849, na qual Melville é suficientemente profético ao afirmar que “não se pode derramar uma gota de sangue americano sem derramar o sangue do mundo inteiro [...] Nosso sangue é como o fluxo do Amazonas, feito de mil correntezas que deságuam numa só. Somos menos uma nação do que o mundo [...] Não temos pai nem mãe”.

Em outras palavras, Melville, analista avançado do seu país, considera que este foi e continuou sendo uma *terra de imigrantes*, na contra-corrente de práticas e ideologias que trabalham em sentido contrário para justificar a manutenção de um mito puritano – a “fortaleza América”, hoje transformada em polícia do mundo.

Voltando ao cotejo de *Bartleby* com a ficção kafkiana, proposto por Borges, a conclusão é que a obra de Kafka projeta sobre Bartleby uma curiosa luz ulterior. *Bartleby* já define um gênero que por volta de 1919 seria reinventado e aprofundado por Franz Kafka: o das fantasias da conduta e do sentimento. (Na realidade, a *virada* kafkiana se deu em 1912, com *O veredicto* e *A metamorfose*).

É por esse motivo, com toda a certeza, que os dois aprendizes da novela “Blumfeld, o solteirão de meia-idade”, ou os ajudantes do agrimensor K., no romance *O castelo*, remetem por analogia ao personagem tragicômico Bartleby, “levemente arrumado, lamentavelmente respeitável” [p. 7], e cuja forma fantasmagórica e desengonçada, por sua vez, antecipa os *clowns* de Beckett.

No caso de Kafka, tanto os dois aprendizes do escritório de Blumfeld, quanto os dois ajudantes de K., mistos de espias e trapalhões, são vistos como um só, e ao que parece estão ali para incomodar os patrões. Não querem se apartar dos chefes que não os desejam, da mesma forma que Bartleby não pretende abandonar o advogado que conta a sua história.

Talvez baste um exemplo para tornar isso claro.

“– Vocês estão despedidos – bradou K. – Nunca mais eu os admito ao meu serviço.

– Mestre, deixe-me voltar! – exclamavam eles, como se K. fosse a terra seca e eles estivessem a ponto de se afogar na inundação.” [O castelo, p. 204]<sup>2</sup>

“Vai ou não vai me deixar?”, perguntei, com uma raiva súbita, chegando perto dele.

‘Acho melhor não deixá-lo’, ele respondeu, enfatizando o *não*.” [Bartleby, o escrivão, p. 26]

“– Os dois já para o trabalho! E sem mais um pio! – brada Blumfeld, apontando aos auxiliares, com o braço estendido, suas carteiras.

Eles obedecem logo, mas não envergonhados nem de cabeça baixa; ao contrário, giram rígidos quando passam por Blumfeld e o fitam firme nos olhos, como se desse modo quisessem demovê-lo de bater neles.” [“Blumfeld, o solteirão”, p. 62]<sup>3</sup>

Descontada a diferença entre os dois ângulos da narração (3ª pessoa nos textos de Kafka e 1ª no de Melville), o tom é praticamente o mesmo e as situações muito próximas umas das outras. É visível também que as histórias estão estruturadas segundo um minimalismo austero, compondo uma forma literária radical, tendente a objetivar, por um lado, o exaspero (Melville) e, por outro, a neurose declarada. O resultado é uma beleza paradoxal que emerge da técnica perfeita de narrar.

Mas do que realmente trata a narrativa curta de Melville? Aparentemente, de quase nada. Um advogado de Nova York (o narrador que não se autoneia) emprega o jovem Bartleby, mas este aos poucos decide que as tarefas de que é encarregado estão muito abaixo de sua competência e finalmente se recusa ao trabalho de escrivão e copista para o qual fora contratado. Depois de demitido pelo dono do escritório, não quer de forma alguma deixar o lugar (*I would prefer not to*). Perturbado com isso, o advogado finalmente se muda e Bartleby é levado à prisão (Tombs, em português Túmulos). Lá recebe a visita do ex-patrão, que se considera vagamente responsável pela

2 Franz Kafka, *O castelo*, tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

3 In Franz Kafka, *Narrativas do Espólio*, tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



© Ubu Editora, 2017

Esta tradução foi originalmente publicada pela editora  
Cosac Naify em 2005.

PREPARAÇÃO Rodrigo Lacerda  
REVISÃO Alexandre Barbosa de Souza,  
Sandra Brazil e Raul Drewnick  
ASSISTENTE EDITORIAL Mariana Schiller  
DESIGN Elaine Ramos  
ASSISTENTE DE DESIGN Livia Takemura  
PRODUÇÃO GRÁFICA Aline Valli  
FOTO Nelson Kon

*Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da  
Língua Portuguesa.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Melville, Herman [1819–91]  
Bartleby, o escrivão: Herman Melville  
Título original: Bartleby, the Scrivener  
Tradução: Irene Hirsch  
São Paulo: Ubu Editora, 2017  
48 pp., 1 il.

ISBN 978 85 92886 37 0

1. Ficção norte-americana I. Carone, Modesto II. Título  
CDD 813

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: literatura norte-americana 813

---

UBU EDITORA  
Largo do Arouche 161 sobreloja 2  
01219 011 São Paulo SP  
(11) 3331 2275  
ubueditora.com.br

FONTE Sectra PAPEL Offset 56 g/m<sup>2</sup> IMPRESSÃO E ACABAMENTO Geográfica